

SELEÇÃO DE MAXIMAS

FRANCISCO PATI

No dizer de N. David, que prefaciou a minha velha edição portátil das "Obras escolhidas de Chamfort", publicada em Paris em 1869, Chamfort foi o mais espirituoso "diseur de mots" produzido pelo fim do século XVIII.

Entre nós, quando se fala em "diseurs de mots" pensamos incontinenti em Emílio de Meneses. Mas a verdade é que o poeta da "Marcha fúnebre" descamba comumente para a chalaça. Emílio é antes um trocadilhista emerito. Como tal, não lhe conheço emulos nem aqui, nem no estrangeiro.

No Brasil, o tipo mais comum é o contador de anedotas.

O "contador de anedotas" não se preocupa com a oportunidade. Vai chegando numa roda e pergunta logo de início aos circunstantes: — "Vocês conhecem a última?" Como nem todo mundo conhece a última, ele conta então o que sabe. Faz mil trejeitos. Gesticula. Em sendo preciso, representa. Quando está em presença de grandes damas ou de homens poderosos, é capaz de tudo, só para provocar o riso na assistência. Não é, porém, um criador. Falta-lhe originalidade. Sua graça reside simplesmente na interpretação. E' ator e não autor. Pode, quando muito, florear a história, de modo a encomprida-la. E', no entanto, incapaz de aformoseá-la.

N. David alude aos "anecdottiers aux abois", que costumam servir-se do espirito alheio para fingir espirito proprio. Não sei se os temos. E' possível que sim.

Humberto de Campos tem um livro intitulado "Os donos dos nossos versos". Poder-se-ia escrever outro, a propósito de anedotas. Quantas vezes, com efeito, não ouvimos contar uma coisa atribuída a gente nossa conhecida e que é, no entanto, atribuída a mais de vinte ou trinta pessoas ao mesmo tempo? O estudo da filiação dos "mots d'esprit" levar-nos-ia, como em geral o dos documentos imobiliários, a descobrir uma infinidade de "grilos". Não conheço, efetivamente, terreno, mais "grilado" que o das pladas. A falta de imagina-

ção, em tal setor da atividade espiritual, é coisa tremenda.

Selecionei para hoje alguns ditos do homem que foi, segundo se sabe, "le souffleur, et même un peu plus que cela", de Stéyes e de Mirabeau.

Sobre "opinião pública": — "Refutava-se, em presença de X, sua opinião a respeito de um livro, dizendo-se que o publico o tinha acolhido com simpatia: — "O publico, ora o publico! — exclamou X — quantos idiotas são necessários para formar um publico?"

Sobre o sovinismo: — "Realizava-se uma coleta na Academia Francesa. Na hora do balanço, deu-se pela falta de um escudo de seis francos ou um "louis" de ouro. Um dos "imortais", conhecido pela sua avareza, foi suscitado de não ter contribuído. Interpelado, jurou que sim. O homem que recolhia os dinheiros disse, então: — "Eu não vi, mas acredito", ao que o sr. de Fontenelle acrescentou, alto-continuo: "Eu vi, mas não acredito".

Sobre originalidade: — "Uma idéia que se mostra duas vezes num livro, à distancia de poucas paginas — dizia-me fulano — faz-me lembrar certos individuos que depois de se terem despedido voltam para buscar o chapéu ou a bengala".

Sobre administração publica: — "Certo advogado, homem de negocios e de espirito, costumava dizer: — "Corremos o risco de perder o apetite vendo como se preparam a administração, a justiça e as refeições nos restaurantes".

E' de Chamfort o conceito de que um dia sem risada é um dia inutil.

Precisamos rir, sim, rir à custa de "bons mots d'esprit" e não de anedotas vulgares, como as que rechelam o papo dos profissionais do humorismo. O riso faz bem à gente. Quem vai passando pelo largo de S. Francisco, nestes dias de trote academico, vê hasteada no alto de um mastro enorme a flamula do chefe da tribu devoradora de calouros. Na flamula, um dístico: — "Ridendo castigat mores".

Mais uma vez, a razão está com os moços.

Plano de aula - Maximas
Professoranda: Vilma Marinho nº 24 3º ano "B"

Instituto de Educação

"Caetano de Campos"

Plano de aula:

Alegria de viver

Luíza Martelli

apto B.

Nº 21

24
13

Instituto de Educação "Caetano de Campos"

n.º 24 Vilma Marinho 3.º ano "B"

S. Paulo 24 de Novembro de 1.947.

Aula destinada ao 3.º ano primário

Plano de aula

Máxima

Outro dia estava eu lendo o jornal e vi uma notícia muito interessante. Recortei-a e aqui está ela. É sobre máximas. Vocês sabem o que é máxima?

(Mesmo que souberem escrever na pedra a palavra "máxima", e caso contrário escreverei também o significado).

Máxima é o mesmo que provérbio. Vocês sabem o que é um provérbio? Provérbio é uma sentença que sempre nos ensina uma boa ação. Existem muitos provérbios.

(Tudo que for escrito na pedra deve ser copiado junto com a professora)

Ao ler a notícia, que aqui está, recordei-me de um provérbio de que todos nós devemos saber, e é por isso que hoje vim conversar com vocês.

O provérbio é o seguinte:

"O trabalho afasta de nós três grandes males: a ociosidade, o vício e a necessidade".

(Em primeiro lugar li em voz alta e depois copiei na pedra,

Cálculo -

Um homem trabalhou numa fábrica ganhando Cr\$ 300,00 por mês. No fim de um mês, saiu do emprego. Não podia receber Cr\$ 300,00 porque havia faltado 4 dias. Ganhou de presente do chefe Cr\$ 10,00. Quanto recebeu ao todo?

$$300 \div 30 = 10$$

$$30 - 4 = 26$$

$$26 \times 10 = 260$$

$$260 + 10 = 270$$

Orientarei o raciocínio e a criança que responder fará na pedra a conta.